

VIKTOR FRANKL E MARTIN BUBER, DEUS ECLIPSADO OU INCONSCIENTE

*José Mauricio de Carvalho*¹

RESUMO: Neste artigo vamos examinar a influência das teses do filósofo Martin Buber na antropologia e psicologia de Viktor Frankl. Trata-se de influência amplamente admitida pelo psiquiatra. Começa-se indicando como as teses fundamentais de Buber sobre a intersubjetividade foram apreendidas e mencionadas por Frankl para, em seguida, mostrar como essas ideias abrem espaço para uma interpretação psicológica de um fenômeno histórico e filosófico, o do eclipse de Deus da consciência do homem ocidental. O que se procura indicar é que a noção Deus inconsciente corresponde à leitura psicológica do conceito buberiano de eclipse de Deus.

Palavras-chave: Inconsciente espiritual – Eclipse de Deus – Psicologia

ABSTRACT: In this article, we will examine the influence of the philosopher Martin Buber's theses on Viktor Frankl's anthropology and psychology. This is an influence widely accepted by the psychiatrist. It begins by indicating how Buber's fundamental theses on intersubjectivity were apprehended and mentioned by Frankl to then show how these ideas open space for a psychological interpretation of a historical and philosophical phenomenon, that of the eclipse of God in the consciousness of western man. What it seeks to indicate is that the notion of the unconscious God corresponds to the psychological reading of the buberian concept of the eclipse of God.

Keywords: Spiritual Unconscious - Eclipse of God - Psychology

¹ Doutor, Professor Titular Aposentado da UFSJ/Professor do UNIPTAN/FUNADESP, membro do Instituto de Filosofia Brasileira, do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira com sede em Lisboa, da Academia de Letras de São João del-Rei e da Academia Mantiqueira de Estudos Filosóficos, Pos-doutorando do PPG Psicologia da UFJF e participando das atividades do NUPES/UFJF; lattes.cnpq.br/0631305118814377; [Orcid: 0000-0002-3534-5338](https://orcid.org/0000-0002-3534-5338). josemauriciodecarvalho@gmail.com

1. Considerações iniciais

A presença das teses de Martin Buber no pensamento do psiquiatra e filósofo Viktor Frankl é amplamente reconhecida por ele e a ela o psiquiatra fez menção em diversas ocasiões.

Um dos textos fundamentais onde ele explicita sua dívida intelectual com Buber é *Um sentido para a vida; psicoterapia e humanismo*, onde o psiquiatra mencionou seu diálogo com Martin Buber e com a tradição judaica. Essa influência foi tão importante que Frankl considerava ser um elemento diferencial de sua teoria e ponto de identificação face a outras vertentes da psicologia fenomenológica.

A influência é evidente na compreensão frankliana das relações intersubjetivas, aliás, o estudo sobre intersubjetividade é a contribuição mais notável de Martin Buber para a escola fenomenológica existencial. Porém a influência se mostra também na forma como o psiquiatra entendeu e ajustou a noção de inconsciente apreendida de Freud. Das teses de Buber Frankl construiu sua visão espiritual do inconsciente (FRANKL, 2017, p. 57): “ao id, como inconsciente instintivo, foi acrescentado, como nova descoberta, o inconsciente espiritual.” Frankl passou a falar de um inconsciente espiritual para se referir à noção buberiana do eclipse de Deus na consciência do homem ocidental.

2. A influência de Buber na compreensão de Frankl das relações humanas

Martin Buber resumiu as relações humanas em duas formas paradigmáticas em sua obra mais conhecida: *Eu e Tu*. Ele as sintetizou em dois pares de vocábulos respectivamente: *Eu-Tu* e *Eu-Isso*, sendo o Isso substituível por Ele ou Ela. Para Buber, quando alguém se dirige a outro como Tu ou Isso, assume a palavra-princípio correspondente, e vive um tipo específico de relação. E qual a diferença entre elas?

Buber explicou que a primeira forma somente se aplica na descrição de uma relação espírito a espírito e descreve um tipo de encontro que não pode ser objetivado e portanto, não pode ser objeto da consciência. Como encontro propriamente é nada, pois não pode ser representado. O Isso, ao contrário, em qualquer de suas formas

Ele, Ela, Ele e Ela, Ela e Isso, exprime uma maneira bem diferente de relação, traduz uma experiência do mundo, algo que pode ser representado na consciência e é percebida como fenômeno.

Essas duas formas de relação ocorrem de três modos: o primeiro é com objetos da natureza, o segundo com os homens e o terceiro é relação espírito a espírito. No primeiro modo a relação permite classificação. Diz Buber sobre o encontro com as coisas da natureza (BUBER, 2001, p. 54): "Eu posso classificá-la numa espécie e observá-la como exemplar de um tipo de estrutura e de vida". O segundo modo contempla as relações entre os homens e elas podem ou não se objetivar como Isso. Se elas se objetivam é porque a relação ficou numa dimensão instrumental. No último caso se mostra num encontro espírito-espírito, como também ocorre em alguns encontros com Deus, dos quais não se pode ter experiência. Essas relações são inexperienciáveis porque não se deixam apreender como o fenômeno e não têm utilidade ou função. Eu - Tu é uma forma de relação que exprime unicamente o encontro ou mais estritamente a aproximação com o inapreensível, isto é, é um encontro espírito a espírito. Nesse caso, é imprescindível a presença dos espíritos e a relação não sobrevive sem ela. O que permanece sem a presença do outro é o Objeto que não é duração, mas fixidez, interrupção, ou ausência de relação. E aqui se manifesta um ponto nuclear do caráter relacional do homem, as relações Eu - Tu, na ausência do Tu se convertem em Eu - Isso, o que significa que o que ficou depois do encontro foi uma reprodução de algo que, em si mesmo, é dinâmico e inatingível.

Um verdadeiro encontro só ocorre espírito a espírito, ensinou Buber, isto é, estão presentes as condições associadas a palavra-princípio *Eu e Tu*. Se apenas há, na aproximação entre pessoas, interesse, controle, domínio, utilização ou objetivação do outro, o que se assiste é um empobrecimento da relação, ou como resume o psiquiatra ela (FRANKL, 2005, p. 71): "se converte numa relação Eu-Isso". Portanto, quando pensa as relações humanas Frankl, considera que os ensinamentos de Buber permitem diferenciar diferentes modos de relação. Essa diferenciação é

fundamental teórica e praticamente na análise existencial, pois o psiquiatra enxerga na relação Eu-Tu a raiz da dignidade e valor do homem, conceito fundamental na logoterapia.

No encontro verdadeiro entre duas pessoas, que é o elemento essencial da construção da humanidade de ambos, é preciso que estejam presentes as seguintes características, reconhecidas por Martin Buber: o outro é singular, inobjetivo, acolhido em encontro direto, imediato, que é realizado de forma total. É essencial esse aspecto da antropologia de Frankl, o homem não está fechado em si como uma mônada. E é o encontro Eu-Tu que humaniza as pessoas, pois o outro encontro é visto apenas numa de suas dimensões ou função: física, psicológica ou social. Além disso, o encontro verdadeiro, embora realizado nas coordenadas do tempo e espaço, as transcende, pois se guia por uma realidade que não se resume ao espaço temporal. Essa distinção permite, por exemplo, Frankl diferenciar uma relação de amor de uma outra onde prevaleça o desejo sexual. E a distinção proposta por Buber mostra a diferença de sua forma de pensar as relações homem-mulher entre ele e Freud. O psiquiatra comentou essa diferença como se segue (FRANKL, 2017, p. 33): “no amor nenhum eu é impulsionado por um id – no amor, um eu se decide por um tu.”

3. Das formas de relação ao inconsciente espiritual

O inconsciente como realidade própria, aprendeu Frankl com Freud, não se guia por referências espaço-temporais. Portanto, o encontro Eu-Tu tem algo inconsciente, mas não no sentido freudiano, pois o encontro humano não se resume a uma hidráulica da libido. Ele é inconsciente de outro modo. Assim, a diferença entre as relações sugeridas por Buber permite distinguir as compreensões de Frankl e Freud.

A temporalidade do homem somente se esclarece, nessa descrição de Frankl, quando se admite o transcendente, pois somente ele permite revisitar o passado e trazer o futuro ao presente. Logo, a transcendência tanto antecipa o caminho existencial, como propicia a resignificação do passado. De alguma forma, o sentido

tem algo a ver com a maneira de lidar com o tempo. Ele permite tanto que se traga o futuro para o agora quanto se atualize o passado. É o que a referência a Deus ou o inconsciente espiritual permitem, ir além do tempo do qual não há como escapar, senão na atemporalidade do inconsciente espiritual, já que a intemporalidade do inconsciente freudiano não fornece os meios para fazer isso, conforme explica o psiquiatra (FRANKL, 2014, p. 147):

Você viu minhas ações antes que eu estivesse lá, assim Deus já possuía o futuro em suas mãos. Mas, por outro lado, nós vemos que tudo aquilo que nós fazemos é um resgate no passado, de onde nada nem ninguém pode roubar coisa alguma. Aquilo que fizemos uma vez quando agarramos a única ocasião de preenchimento de sentido e compreendemos que nós fizemos isso de uma vez por todas, que nós o eternizamos, conseguimos isto no passado, onde o ato está preservado, guardado no sentido da preservação. (...) nós vemos apenas o esvanecimento, o restolho da efemeridade, e ignoramos o celeiro cheio, no qual escondemos a colheita.

Se assim é, se o inconsciente, de algum modo, conserva oculto Deus e a transcendência em seu interior para permitir essa transição temporal, então a forma de pensar moderna o reprimiu. Frankl retirou da relação com Deus, interpretada nos termos Eu – Tu aprendida com Buber, uma maneira própria de abordar as dimensões do tempo, tratar o passado e o futuro em sua prática psicoterápica (id., p. 148):

Tudo está preservado no Senhor. É isto que penso agora. Por um lado, Deus guardou as lágrimas do passado. E, por outro lado, acontece que Ele há muito já tinha o futuro em suas mãos, nos arquivos. Eu gostaria de lhe indicar agora meu livro *A intenção do sentido*, ele contém uma palestra sobre Tempo e responsabilidade que eu apresentei diante de Karl Rahner na sua época, eu acho que foi em 1947, em Innsbruck. E a partir dela eu desenvolvi esta teoria do tempo, esta teoria do passado.

Veja que, na teoria de Frankl, podemos substituir a palavra Deus por inconsciente espiritual ou fazer do Deus Inconsciente o elemento nuclear desse inconsciente. Assim temos uma revisão da noção de atemporalidade presente no sistema freudiano, mas agora em outro patamar. E como Frankl chegou a esse

conceito de Deus inconsciente, tema de sua obra *A presença inconsciente de Deus?* Podemos considerar que Frankl assumiu e reinterpreto a compreensão de Buber sobre a experiência de Deus do homem ocidental. Essa aproximação encontra-se ainda mais clara com o que Buber escreveu na obra *O eclipse de Deus*. É o que justifica Frankl avaliar que a antropologia moderna perdeu as categorias para pensar Deus e a transcendência, pois como aprendeu de Buber (2007, p. 63): “o Deus vivo não é apenas um Deus que se revela, mas também um Deus que se esconde. Procuremos imaginar o que significa viver numa época de tal escondimento, de tal silêncio divino.”

Como sabemos, Martin Buber constrói sua tese com a noção de consciência intencional, ou consciência de, como fizeram outros fenomenólogos da existência (Martin Heidegger, Sartre, Camus), mas a ampliou com a noção bíblica de experiência de Deus. Eis aí algo muito diferente, que permitiu o psiquiatra perceber, no fundo da consciência intencional dos fenomenólogos, um Deus escondido porque o homem já não possui componentes ideativos para considerá-lo. Isso significa que ele não está falando de repressão dos instintos como fez Freud, mas de repressão de algo espiritual, como sugerem as análises de Buber em *O eclipse de Deus*, especialmente no capítulo *Religião e pensamento moderno*. Ali mostrou Buber que autores como Heidegger, Sartre e Nietzsche consideram que (*ibidem*): “já não convém a nosso tempo, ter de deixar de lado a busca de Deus, tem de esquecer Deus”. Frankl irá reproduzir essa ideia, mas num linguajar e forma de pensar psicanalítica. Para haver repressão é preciso que determinados conteúdos ideativos se associem a afetos e objetos, pois são ideias que são reprimidas.

Buber mostrara em *O eclipse de Deus*, a inadequação da afirmação de Nietzsche e a insuficiência das tentativas de Bergson e Heidegger para superá-la, revelou que Deus ficou fora do interesse do homem moderno e contemporâneo. Sobre os estudos de Heidegger comentou (*id.*, p. 69): “Certa vez, interpretando Hölderlin, chega mesmo a explicar que chamou nossa época de carente, o tempo em que os deuses já sumiram e Deus ainda não chegou.” Dito de outro modo, como

Deus não podia ser pensado com as categorias disponíveis na modernidade, o homem teve que esquecer Deus. Esse ficou eclipsado pela incapacidade dos herdeiros tardios de Descartes de associá-lo a algum conteúdo ideativo aceitável. Em outras palavras, Deus não morreu e nem foi morto, mas ficou inalcançável pelo pensamento, afirmou (*ibidem*): “como falta uma palavra para denominar, para dizer, quem é aquele que mora no sagrado.”

Essa ideia de Buber, isto é, que Deus permanece vivo, mas é inacessível ao homem moderno, sugere algo que pode ser interpretado, para quem teve treino psicanalítico, como havendo sido reprimida a ideia de Deus e, junto com ela, afetos e ideias correlatas do mundo espiritual como sentido, propósito, valor, transcendente, seres espirituais, metafísica, etc. Deus deixou de ser comentado e admitido, mas permaneceu presente, de forma inconsciente, algumas vezes confusa, na mente humana. Dessa forma, como objeto reprimido, pode emergir na consciência a qualquer momento.

Eis até onde nos traz a análise de Buber que Frankl acompanha. Quando Frankl diz que o racionalismo e a antropologia modernos dificultam pensar a transcendência, ele está repetindo Buber a seu modo. Essa compreensão de Buber pode ser transposta, numa linguagem psicanalítica, como o retorno do reprimido, como se pode verificar nessa afirmação (FRANKL, 2014, p. 26): “(Deus) pode, no contexto desta discussão, eclipsar-se (...) – porém continua a viver, ele próprio, inatingível, atrás da parede do eclipse.” Foi essa ideia de Buber que Frankl acolheu sem explicitar o autor da tese, Deus se acha eclipsado na consciência, tornou-se inconsciente para o homem do século XIX e XX que radicalizou o legado do subjetivismo moderno.

As ideias de Frankl sobre o inconsciente espiritual e o que ele propõe sobre o assunto poderão ajudar a comprovar o quanto essa interpretação está correta. Vamos mostrar que Frankl pressupõe a hipótese de que há, no pensamento humano, uma dimensão inconsciente para onde foram as ideias da transcendência, sentido, Deus, valor, etc. O psiquiatra apresenta, de forma sistemática, sua ideia de um Deus

e valores espirituais reprimidos no livro *A presença ignorada de Deus*. Naquele trabalho de psicologia da religião, o psiquiatra descreve o fenômeno religioso de forma mais compreensiva que explicativa. Nessa perspectiva e, de forma diferente de Freud, reconhece que o elemento religioso é um fenômeno autêntico e não uma projeção psicológica a ser desmascarada. Um fenômeno que pode ser reconhecido (FRANKL, 2017, p. 68): “O médico que tem fé não acredita só no seu próprio Deus, mas também na fé inconsciente do paciente; assim (...) crê Nele como Deus inconsciente (...), crê neste Deus inconsciente como num Deus que ainda não se tornou consciente para seu paciente.” Nesse livro, comentam estudiosos de Frankl, o elemento humano encontra-se em contato com a transcendência (HOLANDA, A.F. e AMARANTE, V.H., 2013, p. 15): “o elemento espiritual ou humano é descrito como o estado íntimo de relação com Deus”.

Em *A presença ignorada de Deus* o elemento religioso reprimido foi trabalhado melhor que em outras obras, explicou um comentarista que o próprio autor assim o resumiu (HERRERA, 2007, p. 65): “a tese principal apresentada na conferência *Der Unbewusste Gott* é, de fato, um sentido religioso fortemente arraigado no profundo do inconsciente de todo ser humano.” No mencionado livro, ele esclareceria, que aquilo que o afasta da visão de inconsciente proposta por Freud é que ela não alcança o sentido religioso do inconsciente (FRANKL, 2017, p. 61): “a verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas antes de decisão (...) A religiosidade ou é existencial ou não é nada.” Uma redução da motivação humana aos instintos também não compreende a conversa que o psiquiatra teve com um psicótico e que foi transcrita por outro pesquisador (FIZZOTI, 1966, p. 97):

A conversa demonstra que, de vez em quando, (esse sujeito) é tomado de uma fúria repentina, mas que é capaz de, no último instante, controlar-se. Dirijo-lhe, então, mais ou menos a seguinte pergunta: por amor a quem o senhor procura controlar-se nesses momentos? E ele respondeu: por amor a Deus.

Portanto, o inconsciente espiritual é um conceito importante para compreender fatos religiosos sem considerá-los patológicos. Tal entendimento encontra respaldo em pesquisas recentes (KOENIG; KING e CARSON, 2012, p. 144):

Na parte central deste capítulo, nós revisamos estudos publicados antes e até o ano 2000 que examinavam diretamente as relações entre envolvimento religioso e medidas de bem-estar, felicidade e vida satisfatória. Antes do ano 2000, 81 de 102 estudos quantitativos (79%) reportavam um maior bem-estar entre aqueles que eram mais religiosos. Desde o ano 2000, pelo menos 175 de 224 estudos adicionais (78%) encontravam associações positivas entre maior religiosidade e maior bem-estar.

A compreensão de Frankl confirmada com essas pesquisas contraria o entendimento psicanalítico. No entanto, observa Frankl, sua antropologia não tem nada a ver com o que preconizavam teólogos e mesmo cientistas que pretendiam encontrar vestígios da presença de Deus na vida do homem. Ele avalia que o ateísmo contemporâneo se sustenta em duas colunas, em teólogos fanáticos e no positivismo e nas antropologias modernas de raiz materialista. Afirmar que o problema está (FRANKL, 2014, p. 112): “Por um lado, na pequenez dos teólogos que se apegam às letras mal entendidas e, por outro, na megalomania dos cientistas, principalmente daqueles que se orientam pelas ciências naturais”.

Os exageros de teólogos e cientistas sugerem que Deus, se não foi eliminado da vida das pessoas, não é hipótese a ser considerada. Essa forma de olhar a presença de Deus no inconsciente mostra que espiritualidade não é sinônimo de religião, mas que religião, independente de qual seja, é uma dentre as muitas formas pelas quais o homem exprime sua espiritualidade. Explica o psiquiatra (FRANKL, 2017 b, p. 294): “a religião se encontra diante de nós em geral apenas sob a forma de diversas confissões – confissões que, como dissemos, não podem pretender ter superioridade uma em relação as outras.”

Se se reconhece a importância e a força da espiritualidade, para falar de sua repressão, é necessário admitir a força cultural da razão moderna e do sucesso das

ciências da natureza, que estimulou a filosofia positivista e seu ensinamento de que a verdade se reduz ao dado.

4. Considerações finais

O que foi comentado anteriormente parece suficiente para concluir que o conceito frankliano de inconsciente pressupõe a compreensão que Buber teve da tradição filosófica moderna e das exigências epistemológicas do racionalismo, o eclipse de Deus no universo cultural, mesmo na sociedade existam pessoas religiosas. Foram as formas modernas de pensar que reprimiram Deus e a religiosidade, isso porque não dispõe de instrumentos ou categorias para pensá-lo. Tal conclusão é possível Frankl transpondo o raciocínio de Buber da Ontologia para a Psicologia, admitindo a repressão da ideia de Deus como fato verdadeiro, o que se comprova com seu texto (FRANKL, 2014, p. 123):

Aqui se revela a religiosidade inconsciente do homem. Com isso se imagina que Deus sempre foi entendido por nós de forma inconsciente – que nós sempre tivemos, mesmo que inconscientemente, uma relação intencional com Deus. E é a este Deus que nós chamamos de Deus inconsciente; isso se refere ao Deus inconsciente para nós. Neste sentido, a fórmula do Deus inconsciente não diz o que Deus em si mesmo, por si mesmo, seria inconsciente. Ela afirma, pelo contrário, que nossa relação com Ele pode ser inconsciente, particularmente reprimida, e desta maneira também oculta para nós mesmos.

A tese de que o inconsciente espiritual nasce da repressão da espiritualidade é amplamente reconhecida pelos estudiosos de Frankl (FIZZOTTI, 1996, p. 95):

Frankl fala de um Deus inconsciente em virtude de existir uma espiritualidade inconsciente, uma moralidade inconsciente e uma fé inconsciente. Esta fé, às vezes, justamente inconsciente em razão de uma religiosidade reprimida; mas poderia perfeitamente ser qualificada como uma religiosidade temerosa. É necessário, porém, precaver-se contra a falsa interpretação da religiosidade inconsciente, ou melhor, de sua

má localização. Ela não pertence, de fato, à esfera do inconsciente impulsivo, mas à do inconsciente espiritual. Não estou sendo impelido para Deus, contudo, é preciso que eu me decida sempre a favor dele ou contra ele. Não se trata de um instinto religioso, a menos em relação ao que se poderia falar de um instinto de agressão, e também não o é no interior da esfera da espiritualidade inconsciente, um instinto moral em relação ao que é o instinto sexual, para não falar de fé inconsciente.

O que se nota nessa síntese é que a pessoa não se relaciona com sua dimensão espiritual inconsciente de forma necessária, pois ela não pode desconhecer essas realidades espirituais. Porém a pessoa poderá encontrar no inconsciente espiritual o sentido de sua vida e isso a ajudará a transpor as tempestades existenciais. Esse é o eixo principal da análise existencial (KÜHN, 2019, p. 6):

A capacidade de se opor e resistir pelo espírito é limitada, porque suas raízes mergulham nesse Deus inconsciente que representa a força da renovação para transcender os dados da situação e estabelecer um local individual confiado à responsabilidade única de tal ou tal indivíduo.

Referências

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001. 150 p.

_____. **O eclipse de Deus**. Campinas: Verus, 2007. 153 p.

FIZZOTTI, Eugênio. **Conquista da liberdade; proposta da logoterapia de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulinas, 1996. 127 p.

FRANKL, Viktor. **Um sentido para a vida; psicoterapia e humanismo**. Aparecida: Ideias e Letras, 2005. 169 p.

_____. **A presença ignorada de Deus**. 18. ed., Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 2017. 131 p.

_____. **Logoterapia e análise existencial**. Rio de Janeiro: Forense, 2017 b. 336 p.

FRANKL, V. e LAPIDE, P. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 170 p.

HERRERA, Luis Guillermo Pareja. **Viktor Frankl comunicación y resistencia**. 1ª ed. e 1ª reimpresión. Buenos Aires: San Pablo, 2007. 443 p.

HOLANDA, A. F. e AMARANTE, V. H. O paradoxo do sentido: da unidade do real para a tensão liberdade-responsabilidade na logoterapia. p. 9 - 26. **PsicoFAE**. Curitiba, v. 2, n. 2, 2013.

KOENIG, H.G.; KING, D.E e CARSON, V. B. **Handbook of religion and health**. 2. ed., New York: Oxford University Press, 2012. 712 p.

KÜHN, Rolf. La pensée de Viktor Frankl et notre temps. **Le portique**. <http://journals.openedition.org/le-portique/833>. 30/04/2019.